



Convite aos leitores:

É com grande satisfação que a Comissão de Educação em Saúde para a comunidade inaugura a partir de setembro de 2008, a criação no site da somiti de um canal de comunicação com a comunidade, científica e leiga, promovendo interação que atualize informações e estimule o diálogo em áreas de conhecimentos de utilidade pública, estudos e atuação profissional.

Convidamos para estar conosco, neste momento inaugural, o Dr. Valmy Lessa Couto.

Nesta entrevista vamos trazer ao conhecimento de todos a importância da Bioética em seus aspectos intervencionistas.

Desde já agradecemos a colaboração do Dr. Valmy.
O e-mail do nosso entrevistado está disponível para que você possa continuar a conversa com ele.



O Dr. Valmy é Especialista em Terapia Intensiva

Professor de Semiologia Médica da faculdade de Ciências Médicas de BH de 1975 a 1997.



Chefe da Primeira Enfermaria de Clínica Médica de Homens da Santa Casa de Misericórdia de Belo Horizonte

EX Chefe do CTI da Santa Casa de BH.

Dept. de Bioética e Humanização da SOMITI.

Sócio Fundador da SOMITI.

Sócio Fundador da AMIB.

Fundador e primeiro presidente da CCIH da Santa Casa de BH.

Chefe do Depto. de Clínica Médica e Chefe de Residência de Clínica Médica, da Santa Casa de BH, na década de 1990.

Pergunta de Ana Maria: - Qual a importância da Bioética para os profissionais de saúde que trabalham em cuidados intensivos?

Resposta do Dr. Valmy: - Desde as minhas primeiras reflexões sobre ética em CTI, defendo que a lógica, a técnica e o cientificismo não sustentam a ética no cuidado intensivo.

A ETICA é dirigida ao homem no seu complexo existir, (quer mais complexo que o existir de um homem com um corpo assolado pelo sofrimento da doença?) reconhecido e respeitado como ser humano, entendido como ser autônomo, dono de uma dignidade e apto a atuar socialmente.

Os conflitos éticos cotidianos de um profissional intensivista, portanto, são tão persistentes e tão intensos quanto o são os cuidados a serem prestados ao ser “enfermo crítico”.

Frágil, dependente, quase sempre desligado dos seus direitos, esse enfermo, sem livre escolha, é entregue a profissionais desconhecidos com suposta capacitação e com reconhecido direito de ligá-lo à vida ou não.



Que responsabilidade moral, ética desse profissional!

Ou ele processa o conflito, automaticamente, utilizando o código de conduta estabelecido, o código imposto, moral, ou ele, a partir da percepção individual do conflito, fundamentando-se na emoção e na razão, constrói a norma individual, autônoma, coerente, dirimindo o conflito.

De uma forma ou de outra, esse ser, especialista em cuidados críticos, é um agente social. Ou robotiza, estando a reproduzir as normas, ou intervem, refinando-as, sem se apartar do respeito aos direitos humanos.

Essa é a Bioética intervencionista.

2) Pergunta de Ana Maria: - Quais temas, dentro de Bioética Social, os profissionais de cuidados intensivos devem debater e refletir com a comunidade leiga?

Resposta do Dr. Valmy:

Os temas abaixo são, sem dúvidas, de suma importância no processo de educação pública que vocês se propõem fazer:

- a- Envelhecimento e morte.
- b- Cuidados paliativos.
- c- Ética das tecnologias de alimentação e hidratação.
- d- Ética, ciência e tecnologia.
- e- Bioética e cuidados paliativos.
- f- Bioética e dignidade humana nos limites da vida.



3) Pergunta de Ana Maria:

Qual a mensagem que o Senhor gostaria de deixar para a comunidade leiga com relação à importância da Bioética na vida das pessoas?

Resposta do Dr. Valmy: -Acredito que a grande população deve ser informada sobre os novos acontecimentos científicos, descobertas e experimentos com seres humanos, especialmente após a descoberta do Genoma Humano.

A opinião pública tem que estar acesa, uma vez que a sua mobilização pode definir novas possibilidades para o ser humano.

A história vai e vem.

A grande maioria da população desconhece as experiências com seres humanos, que se iniciaram na Alemanha, no princípio do século XX.

A primeira experiência datada de 1930, e foi reconhecida pela opinião pública como o Desastre de Lubeck,, local onde foi realizado um teste com a vacina de BCG em 100 crianças, sem consentimento dos pais.

O projeto levou à morte de 75 dessas crianças e a repercussão desse abuso gerou o estabelecimento das quatorze diretrizes para novas pesquisas com seres humanos.

No entanto, no período da Segunda Guerra, 1933-1945, foram criadas as famosas leis políticas públicas "Eugenistas". Criadas por juízes e médicos fascistas, deslumbrados com a raça ariana, alemã, as leis, numa tentativa de proteger seu sangue e sua honra, visavam o extermínio de judeus, ciganos, homossexuais, ou o extermínio de pacientes acamados e os considerados incuráveis, ou ainda o extermínio em massa, nas câmaras do gás mortal Zyklon B.



Os médicos fascistas, além do mais, a serviço do Estado e financiados pelo mesmo, realizavam pesquisas provocando doenças para estudar sua evolução, utilizando gêmeos para a criação artificial de irmãos siameses ou mulheres para encontrar métodos de esterilização em massa. Os que sobreviviam às experiências eram executados e tinham seus corpos dissecados.

Divulgadas, tais atrocidades incitaram a participação maciça da população no julgamento dos médicos nazistas no famoso tribunal de Nuremberg.

Vinte médicos e três administradores foram julgados e condenados por assassinatos, torturas e tantas atrocidades cometidas em nome da “Ciência Médica”.

Surge daí o Código de Nuremberg, levantando questões éticas sobre a experimentação em seres humanos, exigindo o consentimento informado do sujeito e o respeito do médico a cada participante da pesquisa.

Então a Bioética tomou corpo, surgindo o primeiro problema historicamente conhecido como bioético em Seattle, em 1960, quando o chamado Comitê de Deus, composto por sete cidadãos de diferentes formações, analisava caso a caso as indicações de diálise, decidindo sobre quais seriam as vidas a salvar uma vez que o procedimento dialítico, dispendioso, era limitado pelas seguradoras.

A idéia de transferir uma decisão médica de salvar vidas para um comitê de leigos abalou a tradicional confiança na relação médico-paciente.

À descoberta da pílula anticoncepcional seguiu-se uma revolução no machismo, uma crise conjugal, debates sobre o aborto e o nascimento da Bioética feminina.

Ainda na década de sessenta, a opinião pública americana foi abalada quando informada pela mídia de que, no hospital Israelita de doenças crônicas em Nova



York, foram injetadas células cancerosas vivas em idosos doentes, ou que no hospital estadual de Willowbrook, também em Nova York, injetaram vírus da hepatite em crianças com deficiência mental.

Igual repercussão teve o caso Tuskegee, quando denunciado pelo NY Times. O governo Clinton pediu perdão, o assunto foi tema de filme. A pesquisa realizada no Alabama, desde 1932, consistia em observar a evolução natural da Sífilis em quatrocentos negros recrutados, sem lhes administrar quaisquer medicamentos, nem mesmo a penicilina descoberta na época da Segunda Guerra. Apenas dois sobreviventes puderam perdoar o presidente americano em 1972.

A partir daí, estabeleceu-se, no relatório Belmont, os princípios éticos que devem nortear as pesquisas biomédicas com seres humanos:

- a) o princípio do respeito às pessoas humanas,
- b) o princípio da beneficência,
- c) o princípio da justiça.

Em 25 de julho de 1978 nasce o primeiro bebê de proveta, que abriu novas possibilidades de tratamento para casal com problemas de infertilidade e novas questões bioéticas surgem pela prática indiscriminada de fertilização medicamente assistida.

Em 27 de fevereiro de 1997 nasce a ovelha Dolly, o primeiro mamífero clonado utilizando células embrionárias como matéria prima.

Abre-se o debate sobre a clonagem humana, já que a técnica é a mesma.



No ano de 2000, surge o primeiro rascunho do Genoma Humano com novas possibilidades para o diagnóstico de doenças genéticas e para a terapia gênica.

No entanto, hoje, as tendências visam a clonagem reprodutiva e terapêutica. A opinião pública pode outra vez ser a arma contra os procedimentos que violam a moral e a Bioética. A maioria destas experiências, principalmente os transplantes passa pela UTI, a observação fenomenológica dos pacientes é vital.

Nossa obrigação é informar, porque acreditamos na humanidade do Ser.

O e-mail do nosso entrevistado está disponível para que você possa continuar a conversa com ele. valmylessacouto@iq.com.br

Notícias:

Você poderá obter maiores informações sobre Bioética na América Latina no site:

HTTP:campus.redbioetica-edu.com.ar

Envie-nos sugestões, fale com a coordenação da comissão: Dr. Hebeth Miotto e Vice-coordenação DR. Valmy Lessa Couto.

P/ comissão anterior: Ana Maria Pueyo B. de Magalhães,

e-mail pueyo7@yahoo.com.br